

## Notas sobre utopia e distopia a partir da Casa Kaufmann em Palm Springs, Califórnia

### Notes on utopia and dystopia from the Kaufmann House in Palm Springs, California

Alice Costa Murad, Lucia Maria Sá Antunes Costa\*

#### Resumo

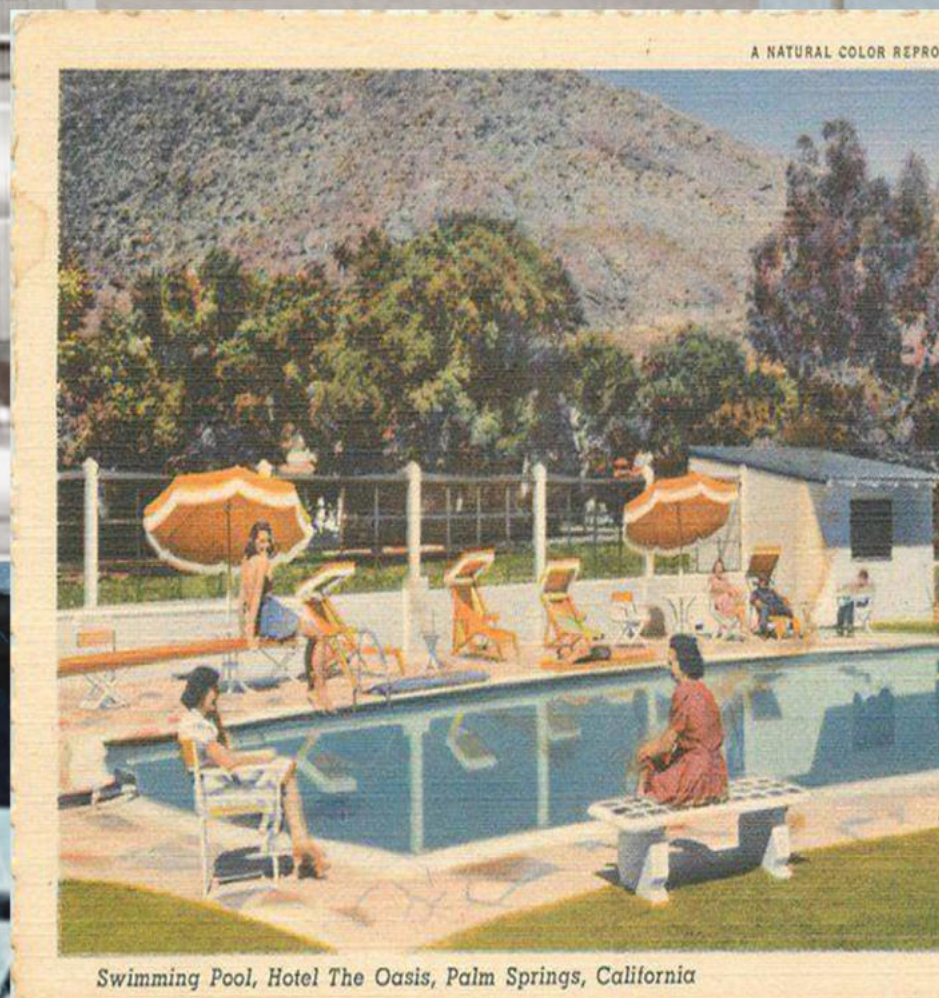
Cidades e suas arquiteturas permitem leituras diversas sobre como utopias e distopias se manifestam nas experiências urbanas. Com essa perspectiva, este ensaio apresenta uma discussão sobre o tema a partir da Casa Kaufmann, emblemático projeto do arquiteto modernista Richard Neutra no final dos anos 1940, situado na cidade de Palm Springs, Califórnia. Ao observarmos o projeto no contexto social da cidade, é possível identificar utopias e distopias que se estabelecem a partir de diferentes vivências e visões de mundo. Para este fim, o texto apresenta inicialmente as motivações da família Kaufmann e as intenções do arquiteto na construção de uma casa no deserto, aspirando viver o assim chamado California Dream – Sonho Californiano. Considerando especificamente o recorte comparativo entre lazer e mão de obra, o texto em seguida discute esse enfoque na cidade de Palm Springs no pós-guerra, trazendo as bases para uma posterior leitura da utopia/distopia presente na cidade, apoiada em análises de particularidades do projeto da Casa Kaufmann. O ensaio conclui observando que utopia e distopia podem ocorrer de modo simultâneo e complementar, num fluxo contínuo ao longo dos anos.

**Palavras-chave:** utopia e distopia; exclusão social; Casa Kaufmann; California Dream.

#### Abstract

*Cities and their architecture are open for a number of readings on how utopias and dystopias manifest themselves in urban experiences. From this perspective, the essay presents a discussion on this topic from the Kaufmann House, an emblematic project by the modernist architect Richard Neutra in the late 1940s in the city of Palm Springs, California. When looking at the project from the city's social context, it is possible to identify utopias and dystopias that are established from different experiences and worldviews. To this end, the text initially presents the Kaufmann family's motivations and the architect's intentions in building a house in the desert, aspiring to live the so-called California Dream. Taking specifically into account a comparative focus between leisure and labor, the text then discusses this approach in the post-war city of Palm Springs, bringing the bases for a later reading of the utopia / dystopia present in the city, supported by analysis of some of the Kaufmann House's project particularities. The essay concludes by pointing out that utopia and dystopia may occur simultaneously and in a complementary way, in a continuous flow over the years.*

**Keywords:** utopia; dystopia; social exclusion; Kaufmann House; California Dream.







## 1. Introdução

Dentre as muitas ideias que animam os modos de pensar sobre as cidades, a utopia se destaca por sua força e influência. O desejo por espaços ideais que possam ser a base para sociedades justas e igualitárias vem gerando propostas utópicas de grande impacto no pensamento urbanístico e arquitetônico. Dentre elas, podemos destacar a Cidade-Jardim de Ebenezer Howard no século XIX; a Ville Radieuse e a Máquina de Morar de Le Corbusier no século XX, dentre tantas outras. Tais ideias repercutiram em diversas escalas e modalidades em muitas cidades e países.

O contínuo exercício imaginal da utopia não tem conseguido impedir, entretanto, a experiência da distopia – a sua antítese conceitual. Ou seja, um lugar onde predomina a desigualdade, ou privação de direitos e de liberdade. Utopia e distopia são conceitos que, embora antagônicos em princípio, operam muitas vezes de modo interligado, conectados pelo cotidiano das experiências urbanas.

**Figura 01:** Joe Fletcher, The Kaufmann Desert House, Palm Springs CA. Fonte: <https://www.joefletcher.com/8660788/kaufmann-house>

Este ensaio discute utopia e distopia a partir de uma análise crítica da Casa Kaufmann (Fig.1), projeto do arquiteto Richard Neutra no deserto de Palm Springs em 1947, sob a luz do imaginário do California Dream, que emanava dessa parte dos Estados Unidos no período. Investiga-se como essa arquitetura poderia traduzir não apenas a imagem utópica da Califórnia, mas também os aspectos distópicos que a contradizem. Para esse fim, o ensaio apresenta inicialmente o contexto no qual o projeto da Casa Kaufmann é elaborado; em seguida, introduz a cidade de Palm Springs, discutindo o contexto urbano onde a casa se situa; e por fim demonstra os aspectos utópicos e distópicos presentes nas relações entre arquitetura e cidade. O ensaio conclui argumentando que utopia e distopia ainda convivem em Palm Springs a partir de sua dicotomia entre lazer e mão de obra.

## 2. A Casa Kaufmann

Em 1946, dez anos após a construção de sua icônica Casa da Cascata (Falling water, projeto do arquiteto Frank Lloyd Wright), o magnata Edgar J. Kaufmann decide buscar um lugar para escapar com sua família do forte inverno da Pensilvânia, nos Estados Unidos, durante suas férias. Para tal, ele constrói uma segunda residência em Palm Springs, no sul da Califórnia, onde os Kaufmann e seus convidados passariam as temporadas mais frias do ano em um retiro ensolarado no deserto (KROLL 2011).

O arquiteto escolhido para essa tarefa foi o austro-americano Richard Neutra, que chegara ao país em meados da década de 1920 e passara a trabalhar extensivamente na Costa Oeste americana desde então. Praticamente todos os seus projetos de grande importância foram construídos nessa região, garantindo-lhe reconhecimento internacional com trabalhos como a Casa Lovell, em Los Angeles, e a Casa von Sternberg, no San Fernando Valley. Tratava-se do contexto de uma clientela de classe alta, cujos investimentos se voltavam para aquela parte do país, aspirando viver o assim chamado California Dream, o “sonho californiano” do pós-guerra (DREXLER e HINES 1984): uma terra ensolarada, lugar de novos começos e muitas oportunidades. O estilo particular de Neutra é o que chama a atenção da família Kaufmann para contratá-lo, uma “arquitetura pura, abstrata, sóbria e incolor”, (ZENHA 2015, p. 73), mais próximo do estilo internacional Modernista do que Frank Lloyd Wright (KROLL 2011).





Parte da relevância desse projeto está em seu importante papel como elemento definidor do Modernismo do deserto californiano dos anos 1940, na medida em que Neutra “desenvolveu uma nova tipologia para a casa de vidro na qual o interior não era nem destruído pelo exterior nem oposto a ele” (LAVIN 2000, p. 48). Na Casa Kaufmann, o arquiteto ramifica o edifício nas quatro direções cardeais, em uma planta “cata-vento” que torna apenas duas alas visíveis ao mesmo tempo. Ele cria também efeitos espaciais e modulações (Figs. 2 e 3) através do uso de vidro, diferentes pé direitos e pela disposição das paredes (DREXLER 1984). Tais aspectos marcam a casa com graduais e variáveis níveis de visibilidade, característica comum encontrada nas casas de Neutra (LAVIN 2000).

Além disso, a Casa Kaufmann era para Neutra um trabalho de estudo sobre habitação Moderna naquele clima, já que serviria, de acordo com ele, como um “teste para posteriores construções de maior escopo no deserto” (NEUTRA 1947 apud NIEDENTHAL 1993, p. 106). Para o arquiteto, uma construção seria mais um contraste

**Figura 03:** Joe Fletcher, The Kaufmann Desert House, Palm Springs CA. Fonte: <https://www.joefletcher.com/8660788/kaufmann-house>

do que uma coesão com a natureza, o que ficaria mais intenso ao se habitar um deserto como Palm Springs: qualquer elemento construído ali seria artificial, todas suas partes fabricadas e trazidas de outro lugar, até mesmo sua água encanada (FUCIGNA, s/d). De acordo com Neutra, “o homem (sic) moderno muda-se para o deserto não para regressar ao seu passado primitivo, mas sim para usufruir do que a Natureza lhe ofereceria, desfrutando-o num ‘conforto moderno’”. (NEUTRA apud ZENHA, 2015, pág. 63) Tal mentalidade parece estar em sincronia com as premissas utópicas modernistas de onipotência da arquitetura sobre a natureza e as aspirações humanas.



**Figura 02:** Joe Fletcher, The Kaufmann Desert House, Palm Springs CA. Fonte: <https://www.joefletcher.com/8660788/kaufmann-house>



### 3. Palm Springs: mão de obra e lazer na década de 1940

Um importante aspecto para a compreensão da Casa Kaufmann é seu contexto urbano, ou seja, a cidade de Palm Springs no final dos anos 1940. Um artigo escrito nessa época mostra como a cidade do sul da Califórnia estava sendo promovida e que caráter ela aspirava ter:

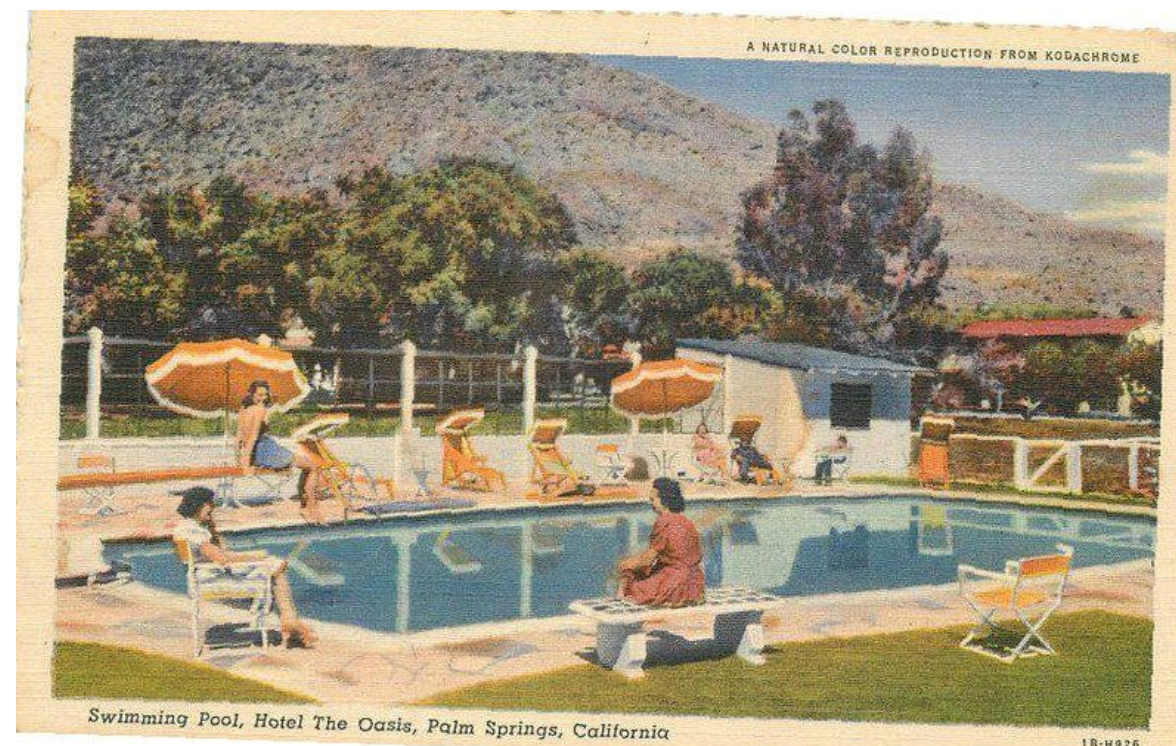
Aqui está Palm Springs, onde alguns vêm desfrutar do deserto com conforto, outros para caçar celebridades [...]. Palm Springs mimando seus habitués com sol brilhante, o templo da adoração do sol moderno, a capital do culto do deserto. (MAILING, 1938, s/p)

O próprio título desse artigo, “Escapar para o Deserto”, pode ser interpretado como um prenúncio do sentimento que emanava da cidade – ou, ao menos, como ela era retratada: o escapismo. Além disso, no final da década de 1930, Palm Springs já representava muito do California Dream, pois se tornara um retiro para os ricos e famosos, sendo associada a atividades recreativas como “banho de sol, natação, tênis, golfe, caminhadas, jardinagem, passeios a cavalo e excursões [...]” (BRUNNER2018, p. 154). Seu clima foi um dos principais fatores que atraiu as pessoas para aquela área em particular, incluindo a própria família Kaufmann, que escolheu a “ensolarada Califórnia” para fugir dos frios invernos da Pensilvânia. Esse foi um elemento-chave na promoção dessa parte do Estado, conforme escrito por Culver (2012, p. 146): “seu clima [de Los Angeles] poderia criar riqueza, restaurar e preservar a saúde e facilitar a recreação ao ar livre, e com isso oferecer uma proximidade com a natureza que muitos americanos do leste consideravam sedutora”.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Califórnia se transforma, seu caráter utópico se tornando cada vez mais convidativo e atraindo estadunidenses de todo o país, e Palm Springs não é exceção a esse processo. Culver (2010, p.170) argumenta que o pós-guerra aproximou a cidade, que na época era um oásis isolado, de Los Angeles, consequentemente transformando-a em um “lugar mais urbano”.

Nesse sentido, a cidade desempenhou um relevante papel na construção da utopia do pós-guerra, principalmente para os americanos brancos, de classe média/alta, em busca da prosperidade. Tornou-se também mais do que um mero refúgio turístico para os ricos (Fig.4), já que sua forma urbana agora tinha grande influência na maneira como os subúrbios estavam

sendo moldados em todo o país. Foi o nascimento de uma nova cultura suburbana, que envolveu formas únicas de interagir com a paisagem e a natureza, utilizando-a como recreação ao ar livre, mas criou também uma nova relação com o lazer, agora promovido a um modo de vida (CULVER 2010).



**Figura 04:** Stephen H. Willard, Palm Springs postcard, 1940.  
Fonte: <https://www.hippocard.com/listing/1940s-palm-springs-california-desert-retreat-hotel-bungalows-roadside-pool-343/15610142>

Com a dose certa de publicidade e investimento, o sul da Califórnia logo se torna a personificação de um paraíso do lazer, determinando novos padrões de recreação e suburbanização nos Estados Unidos e gerando um impacto muito maior do que a venda de empreendimentos residenciais com campos de golfe. A arquitetura do resort de Palm Springs era agora um novo modelo de uma “fusão bem-sucedida de tecnologia, consumismo e natureza em um harmonioso conjunto”. (CULVER, 2010, p. 170).

Contudo, por trás de resorts glamourosos e intermináveis campos de golfe, se escondia uma grave questão, muitas vezes negligenciada ou ignorada quando se discute essa área em particular, que traz à tona um lado problemático da utopia californiana. Em primeiro lugar, conforme apontado por Culver (2010), esse modelo suburbano privatiza o acesso ao lazer. Isto é, ao invés de investir

em áreas de lazer públicas e espaços abertos democráticos, Palm Springs investia em clubes fechados e exclusivos, voltados para um grupo social muito específico que pudesse pagar por isso – estadunidenses brancos, ricos e donos de automóveis. Essa opção levou tanto à falta de espaços públicos de lazer em muitas áreas da cidade quanto à falta de um sistema de transporte público eficaz, uma vez que eram controlados por “uma elite sombria que ignora realidades ecológicas e sociais” (CULVER2010, p. 5).

Em segundo lugar, como ponto central deste ensaio, está o fato de que a cidade e sua imagem bucólica dependeram majoritariamente de mão de obra racializada e/ou imigrantes. Após a guerra, Palm Springs viu um grande fluxo de trabalhadores afro-americanos chegar à cidade, em sua maioria em empregos mal pagos e sendo forçados a viver longe do centro urbano e residencial – fruto, em parte, da política de segregação racial do país à época. Segundo Culver (2010), naquele período era comum pessoas indígenas, negras, latinas, e outros imigrantes não brancos não conseguirem moradia em certas áreas da cidade, devido à discriminação em uma sociedade altamente racista dominada por uma elite branca. Por esse motivo, muitos destes se mudaram para áreas de reservas indígenas (CULVER 2010). Além disso, é importante lembrar que, em meio a todo esse conflito racial, está o fato de que Palm Springs foi construída em terras anteriormente indígenas e, desta forma, o que a população branca via era a disseminação de assentamentos de baixa renda em partes da cidade que não podiam ser totalmente controladas por eles. Obviamente não lhes agradou ver a imagem de seu perfeito paraíso de verão prejudicado pela “praga urbana e conflito racial” (CULVER 2020, p. 172). Culver (2010) observa ainda como eles convenientemente ignoravam o fato de que tal problema fora criado por suas próprias políticas racistas.

A contradição de um ambiente exclusivo a brancos ricos e ao mesmo tempo dependente de mão de obra de baixa renda não branca é ainda mais explícita e problemática quando se leva em conta o caráter “utópico” atribuído a esse lugar. A política urbana de Palm Springs tinha o que Culver (2010, p. 172) denomina de uma “natureza excludente e exploradora”: a construção de resorts e residências para os ricos que, por terem o controle da terra, geravam conflitos com indígenas pelo acesso à água, além da exploração de uma mão de obra não branca.

Portanto, embora fosse de fato vista como uma utopia por uma parte específica da sociedade – americanos brancos de classe

média e alta –, para a população marginalizada e mal paga de indígenas, negros, latinos e outros imigrantes que não podiam desfrutar ou aproveitar o lugar onde trabalhavam, Palm Springs estava mais próxima de uma distopia do que de qualquer outra coisa. De acordo com Culver (2010, p.177), naquela época “a maioria dos turistas permanecia (...) ignorante aos problemas raciais latentes no resort que visitavam” (CULVER 2010, p. 177), o que mostra o quão invisível esse assunto era para aqueles que detinham o poder sociopolítico e financeiro. Nesse sentido é perceptível que, quando se fala em California Dream nessa região, refere-se àqueles que nadam em suas piscinas em seus grandes quintais gramados, e não àqueles que limpam a água e cortam a grama. Questiona-se, portanto, até que ponto e para quem Palm Springs era de fato um paraíso.

#### 4. A Casa Kaufmann e a Utopia/Distopia de Palm Springs

Nesse contexto estadunidense do pós-guerra, a Casa Kaufmann pode servir como um exemplo de como a contraditória utopia do California Dream funcionou em Palm Springs. Em primeiro lugar, a própria ideia de fugir do frio, que foi um dos principais motivos que levaram famílias de classe alta para aquela região, é parte importante da imagem de paraíso ensolarado promovida no sul da Califórnia. Ou seja, os Kaufmann foram atraídos para “o único lugar na América onde ‘sonhos’ deveriam ser vividos” (DREXLER 1984, p. 19).

Além disso, o projeto de Richard Neutra foi cenário de uma das fotos arquitetônicas mais famosas do século XX: a fotografia de Julius Shulman da casa ao entardecer ressalta ainda mais a imagem de um paraíso, de um sonho a ser vivido (Fig.5). Já um fotógrafo famoso na época, Shulman foi parcialmente responsável por dar à Casa Kaufmann sua aclamação e sucesso internacional (NIEDENTHAL 1993). No entanto, pode-se argumentar que essa fotografia é mais sobre um ambiente vivo do que uma mera imagem arquitetônica, já que o espectador se concentra menos na construção e mais no sentimento que emana de seus tons em preto e branco. Isso se revela, talvez, na forma como a luz transborda de dentro da casa, ou como envolve delicadamente a mulher sentada à beira da piscina – a própria Sra. Kaufmann –, todo o enquadramento contribuindo para apresentar, como descreve Lavin (2000, p. 44), “o ambiente de um imaginário modo de vida.”





**Figura 05:** Foto de Julius Shulman ao entardecer, Casa Kaufmann 1947. Fonte: <http://www.artnet.com/artists/julius-shulman/kaufmann-house-richard-neutra-palm-springs-a7Hehf8C7EwMfVLQpaunhsw2>

**Figura 06:** “A Bigger Splash”, por David Hockney 1967. Fonte: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/hockney-a-bigger-splash-t03254>

Outro elemento que sugere parte desse estilo de vida suburbano californiano é a presença da piscina, muitas vezes associada ao aspecto recreativo daquela área – na ensolarada Califórnia todos poderiam ter uma piscina em seu quintal. Essa mentalidade é ilustrada vinte anos depois pelo artista britânico David Hockney, em sua pintura “A Bigger Splash” (1967, Fig.6), onde ele retrata em tons brilhantes e monocromáticos o que acreditava ser um ícone da “terra prometida” (TATE, s/d): uma piscina sob o sol da Califórnia. No fundo de um edifício modernista e duas palmeiras altas, a cena é sem vida e imóvel, exceto por um respingo de água sugerindo que alguém teria acabado de mergulhar. Ao chegar da Inglaterra na Costa Oeste, Hockney ficou impressionado com o estilo de vida ensolarado e descontraído dessa área, que inspirou sua “representação sedutora de um lugar de sonhos” (TATE, s/d), facilmente associável à fotografia de Shulman.



Outro exemplo esclarecedor é uma das fotos mais famosas do fotógrafo Slim Aarons, “Poolside Gossip” [Fofoca à Borda da Piscina] (Fig.7, 1970), onde ele retrata duas mulheres de aparência socialite desfrutando um dia de sol na Casa Kaufmann. Embora seja ambientada em um contexto dos anos 1970, essa imagem ainda é emblemática e precisa ao mostrar a cultura suburbana da alta sociedade de Palm Springs e o estilo de vida que atraiu os Kaufmann, David Hockney e tantos outros para a Califórnia.



Não obstante, ausente nessas obras e fotografias, há um elemento-chave para a compreensão da problemática do California Dream: os empregados domésticos. Ou seja, quem limpa, atende e faz com que tudo funcione perfeitamente para quem desfruta desse paraíso na terra. O lazer sempre domina a cena, enquanto a mão de obra está sempre ausente. Convenientemente esquecido por trás de um véu de glamour e frenesi, são testemunhas invisíveis do lado distópico do California Dream— que são, nesse contexto, principalmente trabalhadores não-brancos mal pagos.

**Figura 07:** Slim Aarons, “Poolside Gossip”, 1970. Fonte: <https://www.artsy.net/collection/slim-aarons-poolside-gossip>

**Figura 08:** No Splash, Ramiro Gomez. Fonte: <https://www.cjamesgallery.com/assets/wp-content/uploads/2013/11/RamiroGomez-DomesticScenes-web1.pdf>

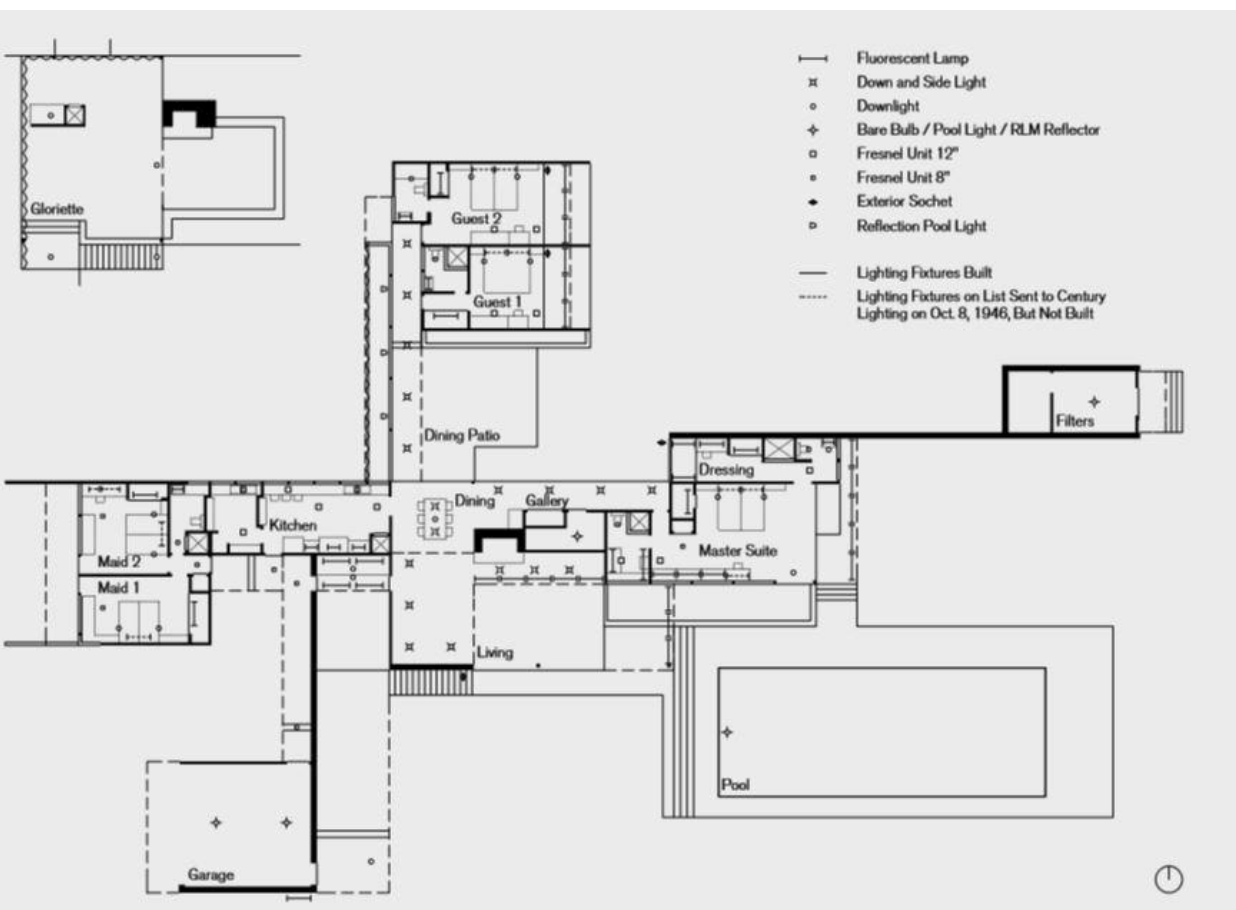
Tal contradição não passou despercebida para o pintor mexicano Ramiro Gomez, em seu trabalho intitulado “No Splash” (2017, Fig.8). Em sua reinterpretação do quadro de David Hockney quase 50 anos depois, Gomez retira o respingo d’água, para indicar que a piscina está sem uso, e introduz a figura dos limpadores de piscina através de dois homens não brancos trabalhando na cena. Filho de imigrantes ilegais e com experiência de trabalho como babá em casas de alta renda na Califórnia, Gomez (2017) lembra que sempre observou a ausência dos empregados domésticos nos quadros e fotos que retratavam as residências. Ao comentar seu quadro, ele afirma que esta “é uma maneira de expandir o trabalho de David [Hockney] e aumentar o reconhecimento de suas limitações; estou falando sobre inclusão e representação em história da arte” (2017, s/p).





Curiosamente, evidências dessa questão predominantemente ignorada podem ser encontradas no programa da própria Casa Kaufmann. O projeto arquitetônico de Richard Neutra provou-se particularmente adequado e funcional, o que se reflete não apenas nos materiais e nas decisões projetuais, mas também em seu programa. Porém, o projeto revela um aspecto menos discutido da casa, encontrado no lado esquerdo da planta baixa em catavento de Neutra (Fig.9): os quartos para os empregados domésticos, indicados na planta por “Maid 1” e “Maid 2”.

**Figura 09:** Richard Neutra, planta da Casa Kaufmann, 1946. Ala de serviços à esquerda (oeste).  
Fonte: <https://www.archdaily.com/104112/ad-classics-kaufmann-house-richard-neutra>



Por um lado, há quem argumente que quartos de empregados são uma questão de praticidade e funcionalidade, uma vez que desta forma eles sempre estarão disponíveis e o tempo perdido no deslocamento casa/trabalho será muito menor. Isso funcionaria especialmente bem em uma cultura suburbana voltada para o carro, sem a presença de um sistema transporte público eficiente e onde as pessoas com renda mais baixa tendem a morar longe de seus locais de trabalho. Por essa perspectiva, há quem argumente ainda que essa possibilidade seja financeiramente mais benéfica para empregadores e funcionários. A localização da ala de serviço, adjacente à cozinha e próxima à sala de jantar, era estratégica para as atividades de servir e limpar. E finalmente, pode-se até argumentar que os quartos “Maid 1” e “Maid 2” na planta baixa da Casa Kaufmann (fig. 7) não são diferentes em área dos quartos de hóspedes situados na Asa Norte.

Por outro lado, e em sintonia com a perspectiva deste ensaio, a própria presença desses quartos implica que a casa foi pensada com um estilo de vida específico: moradores de classe alta usufruindo das suas instalações e serviços de classe baixa limpando e servindo, sem o privilégio de utilizar as estruturas pelas quais são responsáveis. Além disso, sugerir que empregados domésticos tenham que residir em seus locais de trabalho é desumanizar suas vidas e necessidades pessoais. Se por um lado a Casa Kaufmann foi projetada para atender às demandas de uma família abonada, não se pode ignorar o fato de que sua própria planta exemplifica as contradições utópicas do California Dream. A casa de Richard Neutra é de fato uma obra arquitetônica de inquestionável importância, porém o conceito de “paraíso” só pode ser associado a ela quando se refere a uma parte específica de seus moradores.

Brunner (2018), em um dos poucos trabalhos que discutem este aspecto da Casa Kaufmann, lembra como Neutra afirmou que considerava ultrapassado o conforto trazido pela presença de empregados domésticos e que projetou a ala de serviço apenas para atender à demanda do cliente. Brunner (2018) ressalta também que a hierarquia dos espaços pode ser claramente observada na especificação dos materiais. Enquanto os quartos do casal e de hóspedes receberam materiais nobres, para os quartos dos empregados foram utilizados cortinas e azulejos de plástico.



## 5. Considerações finais

Os conceitos de utopia e distopia são construídos a partir de ideias em princípio antagônicas, mas que na verdade podem coexistir quando são deslocadas do campo da imaginação para o campo concreto das cidades. A partir dessa perspectiva, podem contribuir para uma leitura crítica das relações sociais e suas materializações no espaço urbano.

Este ensaio procurou demonstrar o quanto a Casa Kaufmann, considerada uma das mais famosas peças da arquitetura moderna da metade do século XX, participa intrinsecamente do conceito de California Dream na medida em que representa parte do sentimento escapista que emanava daquele Estado ensolarado naquele período pós-guerra. Este trabalho icônico de Richard Neutra pode ser interpretado como materialização do que Palm Springs promoveu como um paraíso de lazer, tanto seu lado utópico quanto distópico, pois contribui para explicitar a dicotomia entre lazer e mão de obra desta região .

Em uma visão mais otimista, pode-se tentar argumentar que o final do século XX trouxe mudanças nessa questão, transformando as estruturas sociais de Palm Springs na medida em que grupos marginalizados têm sido bem sucedidos em algumas de suas reivindicações sobre o espaço urbano. De acordo com Culver (2010, p. 243), “esta Era [final do século XX] na história de Palm Springs seria dominada pelo turismo de massa” LGBT e também por cassinos, permitidos pela legislação federal e estadual em áreas de propriedade indígena, dando-lhes o controle sobre suas próprias terras. Ademais, os inúmeros campos de golfe ecologicamente insustentáveis, por sua vez, estão sendo aos poucos desmontados ou tendo sua área gramada diminuída devido a pressões para um controle do uso da água mais sustentável.

No entanto, mesmo essas mudanças são insuficientes para alterar aspectos da exclusão social ainda presente no século XXI. Citamos como exemplo um sistema de transporte público medíocre que continua segregando aqueles que não possuem um automóvel, além da própria estrutura social estadunidense ainda altamente racista. Essas são evidências urbanas suficientes para mostrar o quão longe Palm Springs está de uma verdadeira utopia.

## Referências

BRUNNER, Mathias. Heating and Cooling the Desert, In Roesler, Sascha & Kobi, Madlen (eds) The Urban Microclimate As Artifact: Towards an Architectural Theory of Thermal Diversity. Basel: Birkhauser, 2018, p.152-173.

CULVER, Lawrence. The Frontier of Leisure: Southern California and the Shaping of Modern America. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CULVER, Lawrence. The Desert and the Garden: Climate as Attractor and Obstacle in the Settlement History of the Western United States. Cambridge: White Horse Press, 2012.

DREXLER, Arthur, & Hines, T. S. The Architecture of Richard Neutra: from International Style to California Modern. New York: The Museum of Modern Art, 1984.

KROLL, Andrew. AD Classics: Kaufmann House / Richard Neutra. ArchDaily, Janeiro 2011. Disponível em <https://www.archdaily.com/104112/ad-classics-kaufmann-house-richard-neutra>. Acesso 15/6/2020.

LAVIN, Sylvia. Richard Neutra and the Psychology of the American Spectator. Grey Room, 1 (Autumn 2000): 42-63.

MALLING, John. Escape to the Desert. California Arts & Architecture, 54 (November 1938): 15-40.

NEUTRA, Richard Joseph. Kaufmann “Desert House,” Palm Springs, CA, 1946. Tremaine “House in Montecito,” Santa Barbara, California. 1948, Global Architecture 8, edited and photographed by Yukio Futagawa, text by Dion Neutra. Tokyo: A.D.A. EDITA, 1971.

NIEDENTHAL, Simon. Glamourized Houses: Neutra, Photography, and the Kaufmann House. Journal of Architectural Education 47, no.2 (1993): 101-112. <https://doi.org/10.1080/10464883.1993.10734582> Acesso 15/6/2020.

TATE GALLERY. Understanding David Hockney’s A Bigger Splash. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/hockney-a-bigger-splash-t03254/understanding-david-hockneys-bigger-splash>. Acesso em: 20/6/2020.

THE GUARDIAN. Hacking Hockney: the Mexican American painter bringing Latino culture into art <https://www.theguardian.com/>

[artanddesign/2017/aug/22/ramiro-gomez-latin-american-art-los-angeles-david-hockney](https://artanddesign/2017/aug/22/ramiro-gomez-latin-american-art-los-angeles-david-hockney). Acesso em: 18/7/2020.

ZENHA, Diogo. Lugar e Identidade: Richard Neutra. Master Diss., Universidade do Porto, 2015

**\*Alice Costa Murad** é Estudante de Arquitetura e urbanismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (DAU/PUC-Rio), com período de intercâmbio na Technische Universität München (TUM). Tem interesse pelo estudo das relações entre espaço urbano, sociedade e natureza. E-mail: [alicecostamurad@gmail.com](mailto:alicecostamurad@gmail.com)

**Lucia Maria Sá Antunes Costa** é Arquiteta pela FAU/Universidade Santa Úrsula, PhD pela University College London, e Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando no Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB-FAU/UFRJ). Pesquisadora 1C CNPq. E-mail: [lucia.costa@fau.ufrj.br](mailto:lucia.costa@fau.ufrj.br)